

Maria do Parque Dom Pedro

Luiz Kohara

*Maria não fala, Maria apenas sorri.
Basta um olhar, Maria já se cala.
Seu nome só fala, se a polícia exigir.*

*No lar pálido,
sem linha e sem cor,
sobre a rasa raiz do viaduto
os papelões, a pedra, a lata e o fogo,
é onde ela empresta o calor
da chama que ainda fumega.*

*Maria divide
algumas sobras
de alimento com o cão,
que no olhar já a reconhece
e sempre a acompanha sem nada lhe pedir.*

*A tia, que diz não ser mais a sua tia,
lamenta a infelicidade da desgarrada
que sonhou com o que não lhe cabia
e que aprendeu o que não devia.
Chora pela moça de fé
puxadora das ladainhas, e
sente pena de quem há tempos
da vida já desistiu.*

*Talvez alguém ainda se lembre
da menina que não foi esperada
e nem a preferida. Era uma menina
entre tantos outros filhos da mãe
e do pai, que já era o padrasto.*

*Talvez alguém ainda se lembre
da menina que, como a natureza,
pela magia supera as suas leis,
fez-se querida pela alegria de cirandar
e pelos seus gestos cuidadosos.*

*O velho mandacaru da raiz profunda
que ainda floresce no árido sertão
e assiste a tantas histórias
certamente não esquece
da menina-moça perfumada
cumprindo as promessas a Santo Antônio
na espera que um dia a chuva fosse chegar.*

*Que os pés embrutecidos,
que agora pisam o asfalto infértil e indiferente,
caminharam semeando nos roçais
e nos cortes dos canaviais,
pela busca de melhores dias.*

*No lar pálido, sem linha e sem cor
Sobre a rasa raiz do viaduto
Maria penteia os cabelos sedosos,
penteia mirando o vazio
da agitada imensidão urbana,
como se fosse um espelho maquiado,
que inverte a imagem refletindo o desejado.*

*Só a sua alma, já quase calma, deve se lembrar,
do tempo de espera, da pureza fértil,
que uma boa sina ia acontecer na grande cidade,
o sonho de ser operária.*

*Só sua alma, já quase calma, deve se lembrar
da dor e da desesperança
que trouxe fantasias necessárias para manter a lucidez,
a embriaguez de acreditar que vai sobreviver e
viver uma paixão mesmo a vida dizendo não.
Da entrega pelo afeto que faz calar a sua razão,
que lhe trouxe tanta gravidez, por ser mulher
ou por disfarce que foi
Deus quem quis.*

*Só sua alma, já quase calma, deve se lembrar
da pureza em crer que a mão calejada mata a fome
neste País sem Nação.*

*Maria, a cidadina no beco urbano sem saída,
sob as linhas capciosas, que demarcam
a estética, o lugar social de cada um,
o policial exige o seu nome.
É tarde, e pouca diferença faz se chamasse
Lourdes, Fátima ou Aparecida.
Nos esconde-esconde da vida e dos direitos
ninguém é seu nome,
Maria não responde.*

*É tarde, a multidão se desfaz.
O cão triste insiste em ficar
no mesmo lugar.*

*A sirene toca, as luzes da cidade acendem,
o trânsito parado, todos estão atrasados,
mais um dia de rotina agitada,
a noite finda, na imensa solidão urbana.*

*São Paulo fashion global maquiada,
Com a cor das diferenças,
que se confunde com a modernidade e
com a ética das falácias sustentáveis,
onde as Marias sem nome não falam,
são números virtuais.*

*As Marias já despertam em outra galáxia,
Falamos e gargalham.
Despenteiam os seus cabelos.
Gritam sem medo, gritam até se esvaírem.
Percorrem com os seus olhares as avenidas,
Descobrimos seus nomes na cidade.*

*Maria, Maria, Maria ...
Já sem os nomes, chegam ao viaduto,
na indiferença urbana que não se finda,
na maquiada imagem que reflete o real.*

Na década de 1980, quando atuava na Organização de Auxílio Fraternal (OAF), eu tive várias breves conversas com a Maria no Centro Comunitário do Parque Dom Pedro II ou na própria rua quando a visitava nos locais onde ficava. Maria viveu muitos anos nas ruas e praças próximas ao Parque Dom Pedro II alimentando-se dos restos do Mercado e arredores. Sempre estava cercada por sacos e cães, tinha a fala mansa, cabelos longos enrolados em um lenço, pouco falava de sua vida e sempre por tudo agradecia. Era conhecida como Maria dos Cachorros.